

# ECOS RELEVO

A expressão singular da história, nos marcos da paisagem

## Preamar na várzea

texto LIANA JOHN e foto FÁBIO MAFFEI



Várzeas largas, delimitadas por uma vegetação típica de terras sazonalmente inundadas, são comuns ao longo dos rios de planície e de boa parte dos cursos d'água localizados em vales antigos, pouco íngremes, já acomodados pela sedimentação de eras geológicas. Grandes rios de planície têm amplas várzeas e inundam sazonalmente milhões de quilômetros quadrados. As várzeas do Amazonas - como seria esperado - estão entre as maiores do mundo, comparáveis às dos rios asiáticos, como Yang Tse e Huang Ho, na China; Mekong, entre Laos, Camboja, Vietnã e Tailândia, e Ganges, na Índia e Bangladesh.

Mesmo quando não são extensas, as várzeas apresentam uma característica comum: os terrenos aplainados e fertilizados pelas enchentes são considerados excelentes para a agricultura. Mas não

são apenas alimentos que se plantam ali: na zona rural, essas áreas são visadas por ribeirinhos para construção de casas e vilarejos; e, nas grandes cidades, são visadas pelos sem-teto para a construção de favelas. Os primeiros - mais prevenidos e mais atentos ao fluxo e refluxo das águas - já aprenderam a esperar as cheias sobre palafitas. Os demais, alegando dificuldades em encontrar espaços melhores, entregam as consequências do inevitável a Deus.

Nenhum deles, porém, dispensa um cantinho na várzea para um bom campo de futebol. Não no Brasil, pelo menos.

Os campeonatos de futebol de várzea obedecem a um calendário rigoroso: treinos, eliminatórias e finais, assim como eventuais amistosos, devem rolar na estação seca, antes das disputas ficarem mais para pólo aquático. A agenda é ainda mais apertada para quem

vive no Baixo Amazonas, pois lá na boca do rio-mar a várzea sofre também o efeito das marés. Assim é em Macapá, no Amapá: mesmo na estação seca, duas vezes por dia, os campinhos de solo arenoso se transformam em águas lívres e as traves servem de poleiro para aves pescadoras, como os biguás (*Phalacrocorax brasilianus*) flagrados pelo biólogo Fábio Maffei.

De acordo com os dados registrados pela Marinha do Brasil, a amplitude de maré na capital amapaense chega a 2,66 metros, quando é lua cheia ou nova. Amplitude de maré, vale lembrar, é a diferença do nível da água entre o pico da maré cheia (ou preamar) e o mínimo da maré baixa (ou baixa-mar). A medida é tomada na vertical, ou seja, cada metro de amplitude de maré pode corresponder a centenas de quilômetros inundados, dependendo do relevo. Quanto menor a altitude das terras próximas às águas, maior a área sob influência de cada maré.

Situado à margem esquerda do rio Amazonas, o município de Macapá atinge apenas 16 metros de altitude e é cortado pela linha do Equador. Isso significa alto risco de enchentes, pois é uma região muito plana, e alta frequência de chuvas torrenciais, típicas da zona equatorial úmida. Como se não bastasse, está sujeito às cheias e vazantes do maior rio do mundo e ao efeito das marés. É muita água e de todo lado!